

EDITORIAL

Crítica da cultura midiática

RuMoRes, revista científica on-line dedicada aos estudos de comunicação, linguagem e mídias traz, no dossiê de sua vigésima terceira edição, um debate sobre a atualidade da crítica de mídia por meio da recuperação de correntes teóricas que sustentaram historicamente o pensamento crítico, da atualização que hoje consideramos necessária e relevante de seus preceitos, da aplicação de critérios para a análise de produções midiáticas atuais e do reforço de um campo de estudo para a crítica de mídia em âmbito acadêmico. A potência presente da crítica funda o dossiê *Crítica de mídia*, organizado pela editora convidada Gislene Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), incluindo trabalhos desenvolvidos a partir do I Simpósio de Crítica de Mídia, realizado em 21 e 22 de setembro nessa instituição e apresentados nesta edição no texto "Como criticam os que criticam".

Podemos dizer que a crítica, como forma de abordagem, está também presente em todo o corpo da edição, composto por artigos que tratam, inicialmente, de análises fílmicas marcadas pela imbricação entre o social e a cultura das mídias. Em "A midiaticização da cultura e a personagem do agente secreto James Bond no cinema", Gelson Santana e Bernadette Lyra percorrem transformações na personagem cinematográfica de James Bond, especialmente pensando a incidência de sua midiaticização, o que envolve também uma evolução política e audiovisual. Sandra Fischer e Aline Vaz buscam a morada de uma memória pós-ditatorial nos filmes *O pântano* (*La ciénaga*, Lucrecia Martel, 2001) e *Leonera* (Pablo Trapero, 2008) em "O lugar da morada no cinema de Lucrecia Martel e de Pablo Trapero: paisagens anestésicas ou espaços estésicos?", particularmente empenhando a instituição familiar em paisagens anestésicas ou espaços estésicos.

As fronteiras entre o campo das mídias e o das artes são desafiadas a partir de recuperações teóricas densas e específicas. Marcelo Garson, em “Bourdieu e as cenas musicais: limites e barreiras”, trata especialmente dos conceitos de campo, *habitus*, capital cultural e social para compreender recentes produções híbridas. Margarida Maria Adamatti busca, pela obra de André Bazin, impurezas na história do cinema em “André Bazin e a intermedialidade: por uma historicidade impura do cinema”, considerando especialmente os debates sobre autoria e domínio do específico.

A edição termina com reflexões sobre o lugar do outro, considerando coberturas jornalísticas e o olhar fotográfico. “Vozes e silenciamento em *Veja* e *Época*: o uso político das fontes na cobertura da Copa do Mundo em um ano eleitoral”, de Juliano Vasconcelos Tavares e Teresinha Carvalho Cruz Pires, trata do uso político das falas de entrevistados e as implicações disso para a formação da opinião pública. As narrativas de alteridade são colocadas por José Augusto Mendes Lobato nas fronteiras entre ficção e reportagem em “A narração de alteridade na ficção e na grande reportagem: apontamentos sobre os modos de representação do outro na televisão brasileira”, examinando quatro telenovelas e 16 edições do programa jornalístico *Globo Repórter*. Por fim, num salto das memórias pós-ditatoriais, o domínio do familiar nos retorna em “Foto-ostentação: um novo paradigma fotográfico?”, de Michel de Oliveira, que investiga os usos da fotografia nas redes sociais buscando uma conceituação para um regime de exposição do cotidiano e registros domésticos.

Em tempos de grave crise política no país, esperamos que as reflexões propostas possam suscitar debates produtivos sobre a realidade e formas possíveis de intervenção a partir do lugar em que nos encontramos. Que o espaço acadêmico e universitário contribua para a consolidação de posicionamentos críticos e engajados na transformação social e na construção de uma sociedade cada vez mais democrática e participativa. Boas leituras!

Rosana Soares

Andrea Limberto

junho 2018